

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Parent Agency*

Autor: *David Baddiel*

Texto copyright © David Baddiel 2014

Ilustrações © Jim Field 2014

Os direitos morais de David Baddiel e Jim Field como autor e ilustrador desta obra estão certificados

Edição inglesa publicada por HarperCollins Publishers Ltd.

Edição portuguesa publicada por acordo com HarperCollins Ltd.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Ana Cardoso e João Cardoso*

Revisão: *Diogo Maria Pessoa/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 420 864/17

1.ª edição, Lisboa, março, 2017

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO UM

Barry Bennett nunca gostou de ser conhecido por Barry. É um nome idiota, nada adaptado a um rapaz moderno de nove (quase dez) anos. Os seus amigos são conhecidos por Jake, Lukas e Taj.

Na verdade, eles não são apenas conhecidos por esses nomes. Esses são mesmo os seus nomes. Jake é o seu melhor amigo, Lukas o segundo melhor e Taj o terceiro. Embora, por vezes, a ordem se inverta e Taj passe para o topo. De qualquer modo, nenhum deles tem um nome parecido com Barry. O próprio Barry nem conhece alguém que tenha um nome semelhante ao dele. Ele não se lembra, por exemplo, de alguém chamado Brian. Ou Colin. Ou Derek. Nem de algum nome como estes que tenha sido dado a um rapaz nascido após 1953.

Terem-lhe posto o nome Barry é apenas — embora esteja bastante perto do primeiro lugar da lista — uma das coisas pelas quais odeia os seus pais (que se chamam *Susan* e *Geoff*, vejam lá...).

Espreitemos a referida lista, que Barry guarda secretamente na sua cama, debaixo da almofada (cama que *não* está equipada com a fantástica capa de edredão do Lionel Messi, ao contrário da de Lukas):

AS COISAS QUE EU MAIS ODEIO NOS MEUS PAIS

1. São uns chatos.
2. Puseram-me o nome Barry. (Estão a ver como está muito perto do primeiro lugar?)
3. Estão sempre cansados.
4. Não me deixam jogar videojogos.
5. Não me compram videojogos. Nem a capa de edredão do Leonel Messi.
6. São MUITO, mas mesmo MUITO, severos. Por exemplo: obrigam-me a ir para a cama às 8h30 da noite quando os meus amigos podem ficar a pé até MUITO mais tarde; não me deixam comer gomas por recearem que me provoquem dores de barriga; dizem que estou

a responder torto quando apenas digo «HUM», que nem é propriamente uma resposta.

7. São sempre mais simpáticos com ~~as minhas irmãs gémeas~~ as GIS do que comigo, só porque elas são umas dissimuladas.
8. Não são glamorosos nem famosos nem tudo aquilo que as pessoas das revistas da minha mãe são. (Quando escreveu este ponto, Barry apercebeu-se de que o seu conteúdo era semelhante ao do Ponto 1 mas, como já estava quase no fim da lista – até porque estava escrita a tinta –, não lhe apeteceu deitar tudo fora e recomeçar.)
9. São pobres. (Barry sentiu a consciência a pesar-lhe ao escrever este ponto, pois a responsabilidade disto não era exclusivamente dos seus pais. O pai trabalha no IKEA como controlador de mobília empacotada e para montar, ou qualquer coisa do género, e a mãe é auxiliar numa escola primária. Por isso, eles não têm grandes salários. No entanto, Barry estava convencido de que, se eles tivessem mais dinheiro, os Pontos 1 a 8 não fariam sentido, exceto o facto de lhe terem dado aquele nome.)
10. NUNCA ME ORGANIZARAM UMA FESTA DE ANIVERSÁRIO EM CONDIÇÕES.

Este derradeiro ponto era o mais importante. Todos os seus amigos chegados haviam festejado recentemente os seus décimos aniversários e as festas deles tinham sido, todas elas, fabulosas. Na festa de Jake, andaram de *kart*. Na de Lukas, jogaram *bowling*. E na de Taj passearam numa enorme limusina! Foram todos ao cinema ver o último *James Bond*!

Barry venera James Bond. O que sente em relação ao seu próprio nome tem que ver um pouco com isso. James Bond nunca poderia chamar-se Barry. Enfim, é evidente que o primeiro nome de James Bond é James mas, se assim não fosse, teria sido certamente John, David ou Michael. Ou — como Jake não se cansava de repetir — Jake. Barry dissera-lhe que poderia não ser bem assim, embora no seu íntimo pensasse precisamente o contrário, já que, se virmos bem, o nome Jake assemelha-se bastante a James.

Por vezes, Jake ergue uma sobrancelha — por muito que tente, Barry não o consegue fazer, acabando sempre por levantar as duas ao mesmo tempo — e diz «O meu nome é Bond. Jake Bond».

Barry considerava, mas não lho dizia, que aquilo até soava bem. Pelo menos, melhor do que «O meu nome é Bond. Barry Bond».

*

Naquele domingo, Jake — e a sua sobrancelha — bateram-lhe à porta. Faltavam seis dias para o seu aniversário e ele acabou o dia bastante aborrecido com os seus pais.

Os três melhores amigos de Barry ficaram à porta a ouvir Geoff Bennett dizer:

— Não, desculpa!

Barry pensou, e não pela primeira vez, que aquilo era algo que o pai dizia *imenso*.

Jake trazia debaixo do braço uma bola *Nike* oficial da Premier League, Lukas calçava um par de ténis *Converse* pretos e Taj envergava a mais recente camisola oficial do Chelsea FC. Tudo isto fez que Barry, com as suas calças de ganga, a sua *T-shirt* e os seus ténis, comprados no hipermercado, se sentisse um traste. Embora não suficientemente para que já não quisesse ir brincar com os amigos para a rua.

— Pai — pediu ele. — Só meia hora!

— Não, desculpa — respondeu-lhe o pai novamente.

— Tu sabes que não podes ir para o parque sem a companhia de um adulto...

Barry olhou uma vez mais para o rosto carrancudo do pai. Ele pareceu-lhe bastante cansado, embora não



conseguisse imaginar quão cansado Geoff Bennett estava realmente por esses dias. O seu cabelo negro começara a apresentar bastantes manchas brancas. Na verdade, seria mais acertado dizer que ainda se via alguns cabelos



negros na sua cabeleira grisalha. Embora não precisasse de a usar ao fim de semana, o pai levava vestida a sua *T-shirt* azul da farda IKEA. Barry preferia que não a vestisse, especialmente em frente dos seus amigos. De todas as vezes que estivera com os pais deles, o de Jake trajava um elegante fato, o de Taj um casaco de cabedal e o de Lukas – que, além de tudo, tocava numa banda! – umas calças de ganga justas e uns óculos escuros (mesmo quando não havia sol, reparara Barry).

– Mas... – insistiu, apontando para os três rapazes à entrada.

– Todos os meus amigos podem ir!

– Isso é com os pais deles.

Barry voltou-se e fitou o grupo de amigos. Jake esboçou um erguer de sobrancelha que claramente significava «Oh, meu caro Barry, é uma pena que esses teus pais imbecis, severos, cansados e mal vestidos te limitem os movimentos...».

Não disse, mas pensou. E comentou apenas:

– É pena, Barry. – E deu meia-volta, batendo sucessivas vezes com a bola no chão, como quando chegara.

– Pois é, Barry – afirmou Taj, acompanhando Jake.

– Eu também tenho pena... – disse Lukas, que, chegando ao passeio, se voltou para concluir a frase – ... Barry.

Ainda que Barry tenha consciência de que nem sempre é mau sentirmo-nos tristes por alguém, como por exemplo em relação às crianças desnutridas que surgem nas notícias mais dramáticas dos telejornais, o que ele menos desejava era que os seus amigos sentissem pena *dele*.